

**A ARCA RUMO À ESCOLA:  
(uni)versos da infância na poesia viniciano**

André Magri Ribeiro de Melo  
Jarbas Cunha de Almeida  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lílian de Oliveira Rodrigues  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

**Içando velas: trilhando caminhos pelo prazer de imaginar**

Logo mais se calam, de súbito,  
E vão seguindo em fantasia  
A viagem – sonho da heroína  
No país de assombro e magia  
Em alegre charla com os bichos  
E crêem um pouco na utopia.  
(Lewis Carroll)

As possibilidades de interpretação, quando levamos em consideração a recepção de obras ficcionais, extrapolam as delimitações, rumando a margens múltiplas. Nem por isso todas as interpretações são válidas. Ao debruçar-se na recepção de obras ficcionais, essa multiplicidade de perspectivas, direcionamentos e deslocamentos produzidos pelo/no leitor faz com que a imaginação suscitada seja marcada essencialmente pela incompletude, pelas potencialidades de invenção e pelo poder de reinterpretações e inferências diversas acerca do que foi lido – de si para si, e de si para o mundo. Imaginar, portanto, é caminhar em solo incerto, cujo maior sustentáculo é o do sonho. Se tivermos como ponto de partida nossa infância, de certo modo, podemos dizer que a imaginação é o que nos permite desenvolver o pensamento criativo, fundamental para nossa inserção no mundo.

Tendo como escopo a reflexão em torno do livro *A Arca de Noé*, de Vinicius de Moraes, publicado pela primeira vez em 1970, este trabalho pretende discutir a presença de três aspectos de grande relevância no campo dos estudos literários ligados à criança, sendo eles a própria noção de infância, a percepção do(s) outro (s) na relação com o mundo, com a leitura, manifestada na alteridade, e por fim a poesia, elemento essencial à discussão e que nutre os demais vieses do diálogo que ora estabelecemos. Neste sentido, cabe destacar que

dentre os diferentes “leitores ou ouvintes de literatura, não podemos nos esquecer da criança leitora que possui capacidade de interpretação assim como o adulto, embora se usem parâmetros diferentes de leitura.” (SILVEIRA & SCHNEIDER, 2013, p. 14).

De repercussões positivas na recepção pela crítica, a primeira edição de *A Arca de Noé* remonta a uma época de efervescência em nosso país no que se refere à literatura para crianças. A trajetória percorrida por essa literatura no Brasil tem seu início marcado no final do século XIX, quando pelas mãos dos escritores e tradutores Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel, principalmente, chegam aos brasileiros traduções das célebres histórias infantis assinadas, ou compiladas, pelos mundialmente conhecidos Perrault, Irmãos Grimm e Andersen.

Dessa forma, numa perspectiva nacionalista, o texto literário infantil brasileiro assegura efetivamente seu espaço apenas quando no advento da produção de Monteiro Lobato, que se estende com mais intensidade por entre as décadas de 1920 e 1940. Daí em diante, por algum tempo, experimentou-se nesse campo certo marasmo de criatividade, dadas as exaustivas cópias do modelo lobatiano de escrita para crianças. Posteriormente, na década de 1970, com Vinicius de Moraes e sua arca de bichos, então, a literatura infantil aspira novos ares. Esse cenário de reinvenção do texto literário para crianças desenvolve-se com maior vivacidade também dado o fortalecimento da indústria editorial, à ampliação do acesso ao ensino básico e ao surgimento de políticas governamentais de fomento à leitura, à literatura e ao livro.

Encontramo-nos, pois, na rota da arca. Não de qualquer arca, mas na arca que há anos embala o imaginário das crianças, permanecendo vívida a memória dos poemas escritos por Vinicius e fazendo dessa antologia literária – primeira e única produção do popular poetinha para os pequeninos – um clássico da literatura infantil no Brasil (MELO & BARBALHO, 2014). Talvez seja esse um dos primeiros caminhos a tomarmos no embarque pela escrita vinicianiana para as crianças: compreender o valor desses poemas para essa literatura brasileira que elencamos como *infantil*, uma literatura feita num exercício, muito mais que artístico, mas essencialmente altruísta, considerando a arte em sua ilimitude e percebendo para quem se escreve, chegando ao universo da criança a partir de suas especificidades.

O ato de imaginar aqui é interpelado pelo ato de ler, no sentido marxista que Paulo Freire (1989) tanto difundiu pela ótica da liberdade, pela percepção de que a leitura da *palavramundo* precede a leitura da palavra escrita. É nesse sentido que as velas da arca são içadas e desafiamo-nos ao enfrentamento dessa rota (assim como esperamos suscitar reflexões), que perpassará ainda os mares sensíveis da interface infância-alteridade,

contornando as enseadas que nos levam à reflexão sobre a relevância do texto poético para a formação leitora e literária da criança, sempre buscando ajustar o leme para onde os ventos nos levam, sem, no entanto olvidar onde pretendemos chegar: a real função da literatura brasileira infantil na escola, na mão e no coração das crianças, na rota sem fim d'*Arca de Noé* e no cais de poesia do poeta plural, Vinicius de Moraes.

### **Desbravando mares: infância, linguagem e (des)construções ficcionais**

Essa bruma, insensata em que se agitam  
sombrias, como eu poderia clareá-la.  
(Raymond Queneau)

Não há como pensar na literatura infantil e na inscrição de obras desta linhagem na cultura da sociedade em que se insere sem ressaltar a importância da infância enquanto período de desenvolvimento do ser humano. Neste sentido, Gouvea (2007) lembra-nos que do universo infantil emergem duas questões: a alteridade e a linguagem. A partir disso, percebemos a linguagem como componente primordial à constituição da humanidade, que se dá nas e pelas práticas de linguagem. A criança, então, faz-se produto e produtora de cultura, informando das suas experiências, partilhando-as, atribuindo-lhes valores sociais através de diferentes manifestações da linguagem inscrevendo-se nas instâncias socioculturais da época em que vive. É na infância que ocorre essa apropriação de significados culturais do mundo em que vivemos, na qual constituímos-nos signo entre signos. Dessa forma, Souza nos indicará que:

é na linguagem, e por meio dela que construímos a leitura da vida e da nossa própria história. Com a linguagem somos capazes de imprimir sentidos que, por serem provisórios, refletem a essencial transitoriedade da própria vida e da nossa existência histórica. (1994, p. 21 *apud* GOUVEA, 2007, p. 112)

Enquanto sujeito de cultura, a criança se apropria da linguagem a partir de um lugar social definido pela sua condição infantil. Considerar esse caminho é importante, tendo em vista que ao compreender a criança como sujeito, como ser do mundo, atribuímos a ela condição de estabelecer a leitura da vida e a construção da sua própria história, espaço onde ela passará a construir sentidos a partir, ora de suas experiências para consigo, ora de seus contatos diretos com o outro, com o que está para além dela. É desse princípio, portanto, que

Vinicius de Moraes parte ao produzir os 32 poemas que compõem a sua arca, lançando mão da linguagem em estado dinâmico e perspicaz e de um conjunto de aspectos linguísticos e estilísticos para construir textos marcados não só pela presença irrefutável do belo, como também de traços específicos à figura da criança, considerando essa necessidade dos pequenos de significar o mundo a partir de suas experiências nele. Nesse caso, a operação de significação de si e do outro se dá na leitura dos poemas, na relação entre a literatura, a memória da criança e os significados surgidos desses contatos. Eis que emerge, pois, o universo da alteridade.

Sobre o conceito de alteridade, Gouvea (2007) nos convida a refletir a questão da infância a partir da problematização das categorias que historicamente construímos e utilizamos para compreender, investigar e atuar junto a esses sujeitos definidos pela condição infantil. Peres (1999) nos dá uma dimensão da discussão a partir da (re)visita à memória:

Minha infância está atrás de mim, no entanto é o solo sobre o qual cresci, ela me pertenceu, seja qual for minha tenacidade em afirmar que não me pertence mais. O que foi sem dúvida para hoje não ser mais, mas o que foi, também para que eu seja ainda. (PERES, 1999, p. 20)

A infância nos habita e nos visita constantemente, através da memória (no sentido de rememoração), do remetimento a um passado que em nós ainda persiste e insiste. Para Peres (1999), a alteridade da infância não é absoluta, este outro habita em nós, nos constitui e se pronuncia. Gouvea (2007) completa esse raciocínio ao elencar que é através da memória que a alteridade se faz presente, em ruínas formadas de imagens, fragmentos de palavras, cacos de um mundo que insiste em nos possuir e habitar em sua imaterialidade. De acordo com Rivière (1995, p. 373), as culturas das crianças são “um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e ideias que as crianças produzem e partilham em interação com seus pares”.

Desse modo, compreendemos que a análise da infância, tendo como ponto de partida o conceito de alteridade, leva-nos a buscar apreender que vestígios as crianças deixam na cultura mais ampla a partir da apropriação de significados culturais e inserção no universo sociocultural. É nesse diálogo com as práticas materiais e simbólicas que definem a infância que a criança constrói formas de expressão e significação do mundo. Essa construção está intimamente vinculada à ampliação dos horizontes da criança, que parte – no que diz respeito à alteridade e à linguagem – do ruminar das reflexões em torno da condição humana, da percepção de que para além dela há alguém.

A literatura tem forte influência nesse cenário, dado seu caráter plural, coletivo e humanizador. Consta-nos que a tumultuada vida dos bichos d'*Arca de Noé* também é marcada por esse refletir acerca da situação do homem. Os animais compõem e habitam a criança, na condição de receptáculo aberto para o devaneio. Ela delicia-se com a festa das palavras e os poemas dão as coordenadas de um mundo complexo e cheio de implicações.

Júnior-Silva (2010) atesta que, explorando a musicalidade, a rapidez e a exatidão em seus poemas, Vinicius de Moraes não deixa que nenhuma palavra exceda, que nenhuma palavra falte. O clima do jogo, na ótica do pesquisador, é plenamente alcançado com os animais. Assim, é pertinente pontuar, ainda, que não há compromisso de Vinicius para com uma literatura moralizante, pedagogizante. Longe dessa perspectiva, os animais e demais personagens da arca refletem a condição humana, tematizam o outro, por caminhos mais coloridos e sem o perigo de cair nas velhas dicotomias de certo ou errado, de poder ou não poder. A fineza de desinventar uma consciência arcaica de que o papel da literatura para crianças é de educá-las segundo um padrão é feita com muita classe pelo Poetinha, que preenche seus poemas com dinamicidade, simbolismo e diversão. Vinicius produz literatura com o ímpeto de criar e celebrar a vida, a infância, a criança. E nessa festa, a liberdade nos seus querer e sonhos é recoberta de múltiplos sentidos, fato que pode ser percebido através de um trecho de "*O filho que eu quero ter*" (Moraes, 1991, p. 19):

Quando a vida enfim me quiser levar /Pelo tanto que me deu/Sentir-lhe a  
barba me roçar/No derradeiro beijo seu/E ao sentir também sua mão  
vedar/Meu olhar dos olhos seus/Ouvir-lhe a voz a me embalar/Num acalanto  
de adeus/Dorme, meu pai sem cuidado/Dorme, que ao entardecer/Teu filho  
sonha acordado/Com o filho que ele quer ter.

Nos versos de Vinicius, nota-se um profundo trato artístico da palavra, que se vale da infância, da figura plural da criança para elucidar outros aspectos, como o amor e afeto familiares, a necessidade iminente do sujeito infantil vivenciar seu crescimento, suas experiências iniciais de significação do mundo, em meio a contextos marcados pela afetividade, pelo sentimento verdadeiramente singelo, acolhedor, protetor. O trecho retirado do poema *O filho que eu quero ter* amplia nosso imaginário a partir, também, das inferências interpretativas de que não estamos sozinhos, e nossas ações e sensações demandam a presença de outrem, o lugar que a alteridade nos guarda.

O sonho do filho que se quer ter é acalentado pelo imaginário em torno de como seria essa criança, das expectativas sobre o que ela traria consigo e da vida que insurgiria dela mesma com seu nascimento. O desejo da presença de uma criança, que também filho será, vai

comutando outros anseios, outras demandas: seu crescimento, seu choro, seu riso, seu sono, seu sonho, e até sua necessidade de que, no futuro, o próprio bebê que está para nascer elabore as imagens do filho que quererá ter. Aqui nota-se a presença de um ciclo: o ciclo da vida. Há um poema experimentado na forma narrativa, que, com vestes de lirismo, anuncia a solidão que mora no desejo, que se transfigura em sonho (sonho este que é anunciado já no título do poema).

Toda essa teia que vai sendo tecida a partir das palavras do poeta aponta para a dimensão do senso humanístico desse poeta, ícone da literatura brasileira de expressão modernista. A partir destas considerações, no caminho interpretativo que aqui nos propomos, é possível perceber o quanto representa para a literatura infantil *A Arca de Noé*, pelo respeito que seu autor tem à condição das crianças, ao seu universo temático e pela influência positiva que os poemas podem despertar no que tange à alteridade, à percepção do outro e ao entendimento desse outro como parte essencial à construção do eu de cada um. Desse modo, na interface infância-linguagem-alteridade, o trabalho de Moraes costura fragmentos de vida, de cores e do gosto doce que o imaginário suscitado pelos poemas vai dispensando aos seus leitores, sejam os pequenos ou os já crescidos.

### **No contorno da enseada: temário, recursos e expressão poética na arca**

Amar os animais é aprendizado da humanidade.

(Guimarães Rosa)

Poesia para ser bela tem que ter  
a seriedade do brincar.

(Manoel de Barros)

Sugerem Nunes e Brito (1960) que entre a poesia e a infância há vínculos manifestos que propiciam o estímulo da inteligência e a afinação da sensibilidade. Deparamo-nos, pois, com a infância redescoberta. Neste momento, quando contornamos a enseada dessas águas na rota d'*Arca de Noé*, reconhecemos e atestamos a importância de ver a poesia infantil como gênero literário ligado ao gênero lírico como um todo, criando para a criança um espaço de reconhecimento e de revelação do prazer, da fantasia e da realidade à sua volta (TURCHI, 1995). O lírico, como imagem e como ritmo, acaba por suprir uma relação direta com o

mundo, integrando a si, paralelamente, presença e ausência. Assim, quando uma imagem ganha ritmo ela acaba assumindo capacidades até então impensadas, como a perseguição e a surpresa no intuito de elucidar relações referentes ao objeto (o poema, por exemplo) que, até então, adormecidos estavam em terrenos incertos. É desse modo que, para Pinheiro (2007), a experiência poética é capaz de colocar sua própria essência em crise, representando uma realidade e fazendo parte dela.

Na arte há um recomeçar permanente que não se esgota com o passar do tempo. Walter Benjamin (1984) trouxe contribuições relevantes no início do século XX sobre as relações entre infância e poesia. Para ele, uma coleção de livros infantis, por exemplo, só pode ser apreciada por quem se manteve fiel à alegria que experimentou quando criança, ao ler esses livros. A percepção disso é quase um caso de alegria, já que nos tornamos coparticipantes da beleza que a experiência estética nos revela nesse momento de revisita à memória. *A Arca de Noé* remonta esses aspectos: experiência estética, revelação de universos, fidelidade à alegria.

Podemos mencionar que os poemas da arca constituem, em si, o estabelecimento de um jogo interpretativo que se emaranha em muitos outros jogos e, com relação a isso, Benjamin (1984) indica que o brincar não consiste num fazer “como se”, ou seja, como se a criança, ao brincar, mimetizasse o real. Também é preciso constatar que, como linguagem simbólica, para o autor, o brincar propicia a construção da experiência, nesse caso, poética, linguística, literária. Dito em outras palavras, Vygotsky(1998) discute o valor da prática pedagógica como mediadora do processo ensino-aprendizagem, atesta a brincadeira como constituinte de atividade através da qual a criança significa a cultura. Com os poemas de Vinicius, a criança está frente ao desafio de significar símbolos, sensações, emoções. Há um exercício que parte da língua, mas não se encerra nela.

Na obra mencionada como *corpus* de análise temos, no início, a presença de Noé. Com o tempo, vão se caracterizando os bichos que estariam na arca e a sensação de um lirismo repleto de brasilidade, ora rural, ora urbana, vai invadindo o leitor. Os animais são poetizados a partir das características que resguardam, sejam elas físicas ou mesmo por comparativos com comportamentos humanos. Sendo munidos dessa humanização, os bichos assumem um aspecto lúdico, algo de fantasioso, tal qual o circo, por exemplo. A musicalidade, o ritmo e a composição das imagens são responsáveis pelo conjunto da obra, colocando-a num patamar estético significativo. Desse modo, a temática e os recursos expressivos d’*Arca de Noé* propõem jogos imaginativos e sonoros que possibilitam a sedução do leitor em formação que se aventura nos caminhos da ficção.

Os bichos vão saindo, par em par. Sua descida remonta, como elenca Júnior-Silva (2010), as agruras da vida em sociedade, tendo em vista que mescla à chegada de todos à nova terra a ideia de que a vida é luta pela sobrevivência. O livro abre com o poema homônimo ao título da obra, retomando o dilúvio bíblico que teria destruído tudo o que havia no mundo, exceto a arca construída por Noé. Após a tormenta, surge um cenário colorido, transparente, luminoso:

Sete em cores, de repente/O arco-íris se desata/Na água límpida e contente/Do ribeirão da mata. O Sol, ao véu transparente/Da chuva de ouro e de prata/Resplandece resplendente/No céu, no chão, na cascata. (MORAES, 1991, p. 8)

Norma Goldstein (2013) demarca a presença de sugestões sensoriais no poema de abertura. Sua ocorrência advém da presença de sinestésias, que, mescladas aos efeitos visuais, sonoros, táteis e paladar, via “água límpida do ribeirão”, constroem o cenário encantador do momento magno do poema, a descida de Noé: “E abre-se a porta da arca/De par em par: surgem francas/A alegria e as barbas brancas/Do prudente patriarca.” (MORAES, 1991, p. 8)

Nos versos anteriormente reproduzidos, o que temos é uma metáfora de recomeço. Após o dilúvio, que tudo destruiu, tudo assolou, os bichos e a família de Noé navegam em alto mar, enfrentando avarias, tempestades, manifestações da natureza. A viagem, como narrada bíblicamente, não é das mais simples e a chegada a um destino, a um chão, dá a todos o direito de reviver, de criar e reinventar possibilidades, num cortejo à esperança. Quando aportam, bichos e Noé veem a utopia refigurar-se, no sentido de reconstrução em horizonte atingido, realizado.

Conforme mencionado, a metáfora da vida está interpelada nesse cenário, e o sentido de nova vivência, de caminhos não trilhados, é apresentado no cenário idílico que se constrói para receber os sobreviventes. Assim, a natureza, em festa, não pára, e assume um dinamismo bucólico para saldar os recém-chegados. Noé, prudente patriarca, tem a sabedoria de quem já viveu muito (por isso, as barbas brancas), e o respeito de todos os animais. Ele é o primeiro a sair da arca, junto a sua família.

A presença de rimas internas e externas no poema constrói o ritmo dos versos quase como algo vivo, pulsante. A vida dos bichos, a sua euforia, esse sentimento de chegar ao lugar tão esperado, atinge o leitor infantil a partir do arsenal de imagens que se vão colocando frente à criança, numa confirmação plena do que prescreveu Larrosa (1998) acerca das imagens do outro, sendo cada um de nós resultado daquilo que recebemos durante a vida. Os



poemas de Vinicius encarregam-se com maestria desse ofício sensível e necessário à infância: desocultar o belo, retirar as margens da fantasia e amplificar o som da poesia. No livro, 23 poemas são dedicados aos bichos. Os demais versam sobre desde aspectos religiosos a objetos caseiros e elementos da natureza. Nos poemas sobre os animais, encontramos formatos diversos para os textos. Há aqueles nos quais o próprio animal se apresenta, como no caso d’*A Pulga*. Outros em que um suposto narrador conta em versos as peripécias ou características do bichinho, como em *O Pato*, e também os que aparecem em forma de conversa (*O pinguim* e *O elefantinho*, por exemplo).

É essencial que possamos notar como os poemas conseguem estabelecer relações humanizadas – numa reafirmação do princípio de alteridade que a literatura dispõe, em especial a que se faz para a criança – entre os bichos. É preciso destacar que, a todo momento, temos o teor lúdico (ou vestígios dele) acrescentando-se no interior dos versos. Nessa perspectiva, Vinicius não só retoma e refigura o mito bíblico, como também o expande, utilizando-se de elementos da natureza, outros de humanidade transitando entre o universal, o local e circunstancial para tecer seu diálogo poético com os pequenos apresentando aquilo que para Nelly Coelho (1995, p. 42), coloca a literatura no campo da arte, já que “a poesia provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, modifica a consciência do mundo de seu leitor”.

Vinicius de Moraes, poeta amante das palavras, da música popular brasileira, das mulheres, da boemia, não deixa de apresentar a temática da transitoriedade entre as temáticas. Ainda no universo da arca, é o poema *O relógio* que é especialmente propício a jogos rítmicos. Uma razão forte para considerarmos esse caráter singular do poema, em meio a tantos outros “jogos poéticos” feitos pelo autor, é a onomatopeia reiterada oito vezes, além de rimas e repetições de palavras que acentuam o ritmo.

A repetição é outro recurso linguístico que tem lugar recorrente nos poemas da *Arca*. É comum encontrar a repetição de um mesmo som por meio de aliterações e rimas. Figuras de linguagem, como comparações, metáforas, e outras, além de recursos sonoros e imagéticos, enriquecem todos os poemas; em muitos deles, envolvendo temas que pedem a reflexão compartilhada entre o leitor e seu imaginário, entre leitores e seus imaginários, entre leitor e mediador. Aqui o universo de animais que compõem a arca, em sua maioria, é tomado como uma grande floresta de símbolos, de representações, que analisadas a fundo podem render grandes descobertas em torno do fazer literário para as crianças.

Nesse contorno de enseada, fazemos audíveis as palavras de Magalhães (1987), ao falar da relevância dos recursos expressivos num poema e deixar claro que eles podem levar à

formação de conceitos que permitem o desenvolvimento do pensamento infantil através de várias trilhas: observação, experimentação, imitação, imaginação, fala. O contato com a literatura pode se converter numa maneira de a criança assimilar o exterior, envolvendo-se. A arca de Vinicius é mais que um convite à poesia, diríamos, é a poesia exposta ao imaginário: ali, fácil, dada e singelamente encantadora.

### **Terra à vista: poesia na vida, na escola e na arca**

Um poema  
É quando a gente sente o céu na boca,  
É quente como um pão  
Que se come e nunca termina.

Um poema  
É quando a gente escuta  
Bater o coração das pedras,  
Quando as palavras batem asas,  
É uma canção na prisão.

Um poema  
São palavras de ponta-cabeça  
E, opa!, o mundo fica novo.  
(Jean-Pierre Siméon)

Em *Convite*, o poeta José Paulo Paes (1996) escreve: “Poesia é brincar com palavras/como se brinca com bola, papagaio, pião/ só que bola, papagaio, pião gastam/ as palavras não...”. Neste sentido, a poesia pode ser matéria para tudo e sendo matéria para tudo, pode ser nada. Mora nas reminiscências, no pouco, no singelo como também pode habitar no exagero, nas hipérboles da vida. A exemplo do que escreveu Clarice Lispector, para quem “pensar é um ato, sentir é um fato” cabe aqui ressaltar que a poesia muitas vezes se reveste de fatos desta natureza, porque o que vira poema também é o despir dos sentimentos em uma pálida página branca. Dessa forma, o poeta é um fingidor, imortalizou Fernando Pessoa, e sua sina é a de fingir um mundo melhor, mais puro, mais livre e cheio de exageros e simplicidades em equilíbrio mágico. Afinal de contas, é para isso que a literatura (também) se presta: reinventar a vida, pincelar de fantasia essa tela da realidade por vezes estanque no seu monocromatismo egoísta.

E cá estamos nós, a falar sobre o porquê da poesia na escola, da poesia na sala de aula, da *Arca de Noé*, que também é de Vinicius, ir até esse espaço. Pinheiro (2007, p. 17) afirma que “de todos os gêneros literários, provavelmente, é a poesia o menos prestigiado no

fazer pedagógico da sala de aula”. Em resposta a essa denúncia, Melo *et. al* (2013, p. 4) atestarão, sobre as palavras de Helder Pinheiro, que “elas ainda nos cortejam muito vividamente e isso é um sinal que demanda cuidados atenciosos no trato do texto literário em sala de aula”. Reafirmamos que a leitura de poemas pode proporcionar às crianças situações de grande prazer no cortejo à linguagem. Muito pode ser aprendido sobre a nossa língua lendo, ouvindo atentamente, recitando com emoção, ou mesmo degustando sons, rimas, ritmos pertencentes a um poema. Fora dos muros da escola, os poemas podem estar **em** toda parte: festas, saraus, lares, suportes textuais. Mas, como sinalizaram Pinheiro (2007) e Melo *et. al* (2013), ainda são pouco trabalhados na escola.

Exatamente por isso, retomamos a discussão e a necessidade de que se assegure lugar notabilizado e relevante aos poemas nas escolas brasileiras. Como preconizam Zilberman e Silva (1990), a leitura literária precisa ser escolarizada, precisa integrar os currículos escolares, precisa ser ensinada. Nessa mesma querela, estabelecemos a necessidade de que o texto poético possa ser realidade nas vidas de nossas crianças. Esse trabalho é possível, e desejável, por uma série de razões, desde o favorecimento à criação de situações didáticas com o uso de textos significativos até à contribuição profícua para o processo de educação em leitura e escrita, direitos de aprendizagem de todo pequeno cidadão. Ao imaginar possibilidades da poesia invadir e alastrar-se pela escola, retomamos nosso objeto de reflexão: o livro *A Arca de Noé*.

A matéria-prima do poema é a sonoridade. A obra de Vinicius de Moraes para crianças é um exemplar artístico perpassado em todos os aspectos pela sonoridade e seus semelhantes, como ritmo e rima. Sugerimos, pois, que com os poemas dessa coletânea infantil o trabalho pedagógico possa orientar-se em três sentidos, a saber: (a) escutar com atenção maior na ligação entre oralidade, voz falada e musicalidade; (b) ler com atenção maior na percepção da linha, do verso, do parágrafo e da estrofe; e (c) produzir poemas tanto por meio da reescrita como também da criação (MEC, Caderno de Orientações; Poemas, 2011).

Essas ações podem ser desencadeadas em outras atividades mais específicas, universo que nos propomos apresentar agora a partir de algumas atitudes pedagógicas que tomam como base os poemas de Vinicius de Moraes, mas que podem ser facilmente incorporadas a outros nomes do imaginário poético infantil, como Manuel Bandeira, Cecília Meireles, José Paulo Paes, Helder Pinheiro, e outros mais. O pensamento inicial é de que o educador possa conversar com as crianças sobre as características do poema partindo da leitura destes, utilizando-se de recursos viáveis para que os discentes possam compreender que gênero eles têm em mãos e seu valor literário.

Um próximo passo seria o da identificação das palavras que rimam dentro desses poemas (aqueles usados ao longo do texto aqui referido podem ser bons exemplos), dispendo-se ao exercício de significar essas rimas e perceber a importância delas na construção do texto. Descoberto o “segredo” dos poemas reunidos na arca, o terceiro passo é o de estimular o jogo com elas, as rimas. Brincando, no sentido construtivista defendido por Benjamin (1984), as crianças poderão apropriar-se com mais efetividade desse recurso linguístico.

Outro caminhar, o quarto passo, seria a observação da estrutura do poema e a criação de alguns versos, de forma livre e muito aberta, na intenção de que as crianças possam exercitar o ofício de ser poeta, de poder imprimir o que sentem da maneira melhor lhes pareça. Essa ação pode ser seguida de outra, o quinto passo, que está ligado também à esfera da escrita criativa – a elaboração de uma lista de palavras que “soem” bonito aos ouvidos das crianças. Ou seja, que elas acreditem verdadeiramente estar participando de uma experiência estética. O ideal de estética da arte, de beleza, cabe nesse momento, em que o julgamento do que é, ou não, belo caberá aos estudantes, portanto a partir de sua recepção dos poemas.

Outras atividades podem desmembrar-se daí, como citar um poema conhecido, declamando-o aos demais, ensaiar um recital com a participação de todos, diferentes vozes, portanto, organizando atos de leitura literária pública, em que as crianças levem à comunidade escolar, local, suas impressões sobre os poemas que leram, que trabalharam, que discutiram e, o mais importante, que possam lê-los aos outros. Assim, o poder da voz torna-se significativo por mais que muitos ainda não gostem de ler, pois o ato de ouvir pode ser benéfico em atividades que considerem contextos de formação de leitores.

Os poemas d’*Arca de Noé* possuem um valor artístico incontestável, apoiando-se principalmente no trabalho com a palavra e na escolha de temas com os quais as crianças se familiarizem. No livro, somos apresentados a poemas que têm os animais e seu curioso universo como tema, bem como novos contextos em que eles podem aparecer, como no caso da arca. O trabalho com o texto poético a partir dessa obra é, portanto, indicado junto às crianças por inúmeras razões, dentre as quais destacamos – no campo linguístico – as mais relevantes, a partir das orientações do Ministério da Educação, no seu *Caderno de Orientações sobre Poemas* (2011, p.5) adaptado para uso neste trabalho:

- a) Estrutura composicional em forma de diálogo ou suposta conversa, recheada de perguntas e respostas intrigantes ou engraçadas;
- b) Repetição de versos ou estrofes inteiras, compondo uma espécie de refrão que confere maior musicalidade aos poemas;

- c) Figuras de linguagem como a onomatopeia, em que um som lembra o do objeto ou situação;
- d) Composições que têm um padrão fixo de estrutura, o que contribui para a memorização e a recitação, já que permitem ao leitor antecipar partes do poema.

Levados em consideração, esses aspectos constituem bem mais que uma base curricular que justifica o uso dos poemas vinicianos em sala de aula. Recorrer a eles foi um dos caminhos pensados no sentido de dar respaldo à militância em torno da literatura na escola, do poema na escola. A escolarização dos gêneros literários é um pressuposto fundamental para que a literatura possa exercer o seu papel humanizador, na perspectiva adotada por Antonio Candido (2004) em seu *Direito à literatura*. Num patamar que transcende o status de conteúdo programático, a literatura é universal – ciente de todos os conhecimentos e consciente de seu papel interdisciplinar em todos eles. *A Arca de Noé* é repleta dessas vozes que se cruzam, um grande interdiscurso entre linguagem, arte, ciências, música, cultura, divindades religiosas, elementos geográficos, humanidades.

### **Atracando no cais: por que a arca?**

Vinicius de Moraes é um poeta plural e muitas poderiam ter sido as suas faces, como as sete faces de Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, a serem problematizadas aqui. Situamos o trabalho na fase da infância por causa do encontro com o ficcional mediado pelas experiências reais da criança que nos instigaram a refletir sobre as possibilidades interpretativas que pudessem vir à tona com sua obra voltada para o público infantil. Por acreditar que a infância é um dos períodos em que o lúdico e o (re)conhecimento do mundo que nos cerca se encontram no ato de leitura, apresentamos *A Arca de Noé* enquanto representação deste universo em um mundo de cores, luzes e sons, que é a arca do velho Noé, o mundo infantil de Vinicius, que aponta para identificações do leitor aprendiz com as temáticas da obra devido aos desdobramentos e conjecturas que evocam tecidos interpretativos (des)veladores da vida do leitor no encontro com a ficção.

*A Arca de Noé* constitui-se como literatura infantil de qualidade porque as crianças ao lerem os poemas passam a delimitar preferências, utilidades e prazeres (ou aversões) a partir daquilo que leem. Em outras palavras, por aquilo que conseguem enxergar para além da superfície textual, numa contemplação perceptiva de muitas entrelinhas, como a sonoridade, o jogo metafórico e o cenário lúdico e belo que se instaura no universo dos animais da arca, ou

de outros personagens. Reconhecemos, neste momento, que nenhum trabalho encerra a si mesmo, mas possibilita abertura para outros caminhos e cada vez outras reflexões sobre o objeto estudado.

Cabe aqui lembrar que nenhuma interpretação esgota os sentidos possíveis de um texto, já que “ele deixa-se desvelar de todo, já que para Derrida, a escrita nunca deixa de produzir sentidos e a se modificar em seguida, o final é sempre impossível, caminho das reticências” (SILVEIRA et al, 2014, p. 79). Viajamos até então pelos mares da poesia, da literatura, da infância. Nesse mar, nos dispomos a suscitar pontos importantes acerca da poesia e do valor universal desta para a humanização das pessoas. O universo de um poeta é tão grande e vasto, tal qual o dos poemas que escreveu, que não pretendemos esgotar as possibilidades de reflexão em torno dessa obra.

Na verdade, muito mais esperamos ter levantado questionamentos pertinentes, pontuado aspectos necessários, valorizado o trabalho do autor e reafirmado nossa postura de que a literatura precisa se destacar mais e mais na escola para que se criem ambientes propícios de aprendizagem e cada vez mais experiências de natureza estética que possibilitem a ampliação dos horizontes de compreensão das especificidades do gênero poético. Aos marujos que nos acompanharam até aqui o desembarque está autorizado, com todas as experiências e apropriações que o presente trabalho pode lhes proporcionar no encontro com suas impressões e experiências cognitivas de leitor.

### **Referências:**

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Summus, 1984.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004, p.169-191.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira**. São Paulo: Edusp, 1995.

GOLDSTEIN, Norma. **Carta Fundamental**: Na arca de Vinicius. Editora Confiança: São Paulo, n. 51, 2013, p. 17-20.

GOUVEA, Maria Cristina Soares da. A criança e a linguagem: entre palavras e coisas. In: PAIVA, Aparecida et al. (Orgs.). **Literatura: saberes em movimento**. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FAE/UFMG, 2007.

JÚNIOR-SILVA, Augusto Rodrigues da. Floresta de símbolos: bicho e poesia para crianças e adultos inteligentes. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 36. julho-dezembro de 2010, p. 45-59.

LARROSA, Jorge. **Imagens do outro**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MEC/SEB. **Caderno de Orientações: Poemas**. Trilhas, v. 13. 24 p. São Paulo, 2011.

MELO, André Magri Ribeiro de. et al. Por que (não) ensinar literatura potiguar na escola?. **Anais do III Colóquio Nacional de Linguagem e Discurso** (CONLID, UERN). No prelo.

MELO, André Magri Ribeiro de; BARABALHO, Enilda de Souza. Na rota da arca: infância, alteridade e poesia em Vinícius de Moraes. **Linha Mestra** (Associação de Leitura do Brasil), vol. VIII, 2014, p. 451-454.

MORAES, Vinicius de. **A Arca de Noé**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1991.

NUNES, Cassiano; BRITO, Mário da Silva. **Poesia brasileira para a infância**. São Paulo: Saraiva, 1960.

PAES, José Paulo. **Quem eu?** um poeta como outro qualquer. São Paulo: Atual, 1996.

PEREC, Georges. **W ou a memória da infância**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PINHEIRO, Helder. **Poesia na sala de aula**. 3ª. ed. Campina Grande: Bagagem, 2007.

RIVIÉRE, Angel. Origem e desenvolvimento da função simbólica na criança. In: COLL, C.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação**. V. 1. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

SILVEIRA, Ederson Luís; OLIVEIRA, Hibráhima Nélia; DERING, Ricardo de Oliveira. No terreno das discontinuidades: entre tempos e vozes das narrativas. **Linguagens- revista de Letras, Artes e comunicação**. Blumenau, SC, vol. 8, n. 1, jan/abr. 2014, p. 76-86.

SILVEIRA, Ederson Luís; SCHENEIDER, Aquelle Miranda. As memórias da Emília: tessituras e efeitos de sentido produzidos nas subjetividades de representação. **Entrelaces**. Fortaleza, CE, Ano III, n. 1, julho de 2013, p. 10-23.

TURCHI, Maria Zaíra. Tendências da poesia infanto-juvenil brasileira. In: MELLO, Ana Maria Lisboa et al. (Orgs.). **Literatura infanto-juvenil: prosa e poesia**. Goiânia: UFG, 1995.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. Interação entre aprendizado e desenvolvimento. In: VIGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e Pedagogia: ponto e contraponto**. Porto Alegre: Mercado, 1990.